



A Importância de Desenhar

Alvaro Siza¹



Em termos gerais, quem escolhe fazer arquitetura não tem necessidade de “saber desenhar”, e muito menos tem de “desenhar bem”. O desenho, entendido como linguagem autônoma, não é indispensável ao projeto. Muita arquitetura, e boa, se faz à bengala². Todos podem desenhar e sentem a necessidade disso. A obsessão pela especialização atrofia capacidades universais. A qualquer um é permitido, e imposto, desenvolver algumas coisas e outras, não. Porém, qualquer criança se exprime com o desenho de maneira imediata e rigorosa, e assim é com os desajustados e aqueles que são considerados loucos. Os erros e a prevaricação de quem ensina induzem a dizer, quase de quem quer que seja, que não tem “facilidade”.

Ou a fazer com que ele mesmo o diga. O desenho é uma forma de comunicação consigo próprio e com os outros. Para o arquiteto, é também instrumento de trabalho, entre tantos outros. Um modo de aprender, compreender, comunicar, transformar; uma forma do projeto. O arquiteto poderá utilizar outros instrumentos, mas nenhum substituirá o desenho sem danos graves; e o desenho não pertence a nenhum outro.

A demanda do espaço organizado, a distinção entre o que existe e o que é desejo, passa pelas intuições que o desenho introduz repentinamente em construções mais lógicas e participativas, alimentando-as e sendo alimentado por elas. Cada gesto – assim também é o gesto do desenho – é dotado de história, de memória inconsciente, de um saber anônimo e infinito. É necessário não negligenciar seu exercício, para que os gestos não façam contratos, e com eles o resto.

Álvaro Siza – Porto, junho de 1987.

¹ “A importância de desenhar”, in *Desenho – III Bienal Nacional 87, Árvore Porto, 4-27 de julho de 1987*, catálogo da mostra, 1987. Fonte: <https://peganarquitectura.wordpress.com/2012/10/31/pensamento-a-importancia-de-desenhar-por-alvaro-siza/> (acesso em 02/01/2013)

² Expressão portuguesa que indica um projeto realizado sem desenhos, traçando na terra com um bastão.